Pag. O Seg. de Craven Street 20/10/06 09:54 Página 13

I

O QUADRO

– Esta casa faz-me arrepios! – sussurrou Maria, voltando-se na cama.

– Deixa-te de coisas! – atalhou a irmã, meio ensonada, adivinhando o chorrilho de lamúrias que ali vinha. – Só dizes isso porque estás cheia de saudades do Cairo. Além disso, vamos estar aqui por pouco tempo, só até o pai arranjar um apartamento maior. Vê lá se dormes!

Maria suspirou profundamente, atirou o edredão para o ar e deixou-o cair de novo em cima do corpo, como um balão.

Estava impaciente. Talvez Ana tivesse razão. Se calhar a estranha impressão que sentira desde o momento em que entrara no apartamento, em Londres, tinha uma simples razão de ser: seriam apenas saudades do Cairo.

Por momentos recordou a discussão que tivera com os pais em Paris, anos antes, quando o embaixador Hugo Torres lhe comunicara que em breve se transfeririam para a capital egípcia. Desde logo imaginara a cidade infestada de aranhas, seres

Pag. O Seg. de Craven Street 20/10/06 09:54 Página 14

que temia e odiava acima de tudo, idealizando-a como um local terrível e pouco civilizado. Apesar das suas objecções, o destacamento diplomático do pai já estava confirmado e era impensável que os embaixadores pudessem demover-se com os queixumes da filha.

«A vida dá tantas voltas!», pensou, de olhos abertos, acompanhando as sombras irrequietas que as luzes da rua animavam no tecto do quarto. Quem é que podia imaginar que mais tarde daria razão à família?

O Cairo era uma cidade realmente adorável, de alma cálida e magia inesquecível. Daria tudo para regressar àquela atmosfera enérgica e imparável, onde táxis com o dobro da sua idade se pavoneavam pelas ruas, com forros extravagantes de zebras e leopardos nos assentos, ou bailarinas e amuletos pendurados nos espelhos retrovisores. Em que outra cidade se improvisavam quatro faixas de rodagem nas apenas três existentes e as buzinadelas substituíam o pisca-pisca?

Tinha saudades dos Invernos amenos, do caos ordenado, da gente simpática com a qual se habituara a conviver, das *gialabiyya* e dos turbantes egípcios que lhe faziam lembrar fantasmas brincalhões e sorridentes.

Uhmm… Fantasmas…

«Não», acabou por concluir. Não eram as saudades que sentia do Cairo, um mês após a sua partida, que justificavam os sinistros arrepios. Havia qualquer coisa estranha naquele apartamento, algo que ela não conseguia definir…

– Pois ficas a saber que as saudades não têm nada a ver com isso! – argumentou, sem se aperceber de que tinham passado dez minutos desde o último comentário da irmã mais nova, que entretanto voltara a adormecer.

– Uhmm… – resmungou Ana, acordando de novo e bocejando na sua cama. – Deixas-me dormir ou não? Isto de partilharmos o mesmo quarto não foi nada boa ideia…

– Se fosse essa a única má ideia dos últimos tempos…

Pag. O Seg. de Craven Street 20/10/06 09:54 Página 15

– Maria… Fecha os olhos, vira-te para o outro lado e deixa de pensar em disparates. Não podemos falar amanhã? – pediu Ana, bocejando de novo.

– Estás mesmo ensonada! E são só duas da manhã! – replicou a irmã, olhando para o despertador. – Bem, já que não me ligas nenhuma, vou ver se o André está acordado.

– Vai, vai! – aproveitou Ana, endireitando a almofada e preparando-se para se submeter uma vez mais à doce influência do sono. – Isso. Vai ver se ele está acordado.

Maria sentou-se no bordo da cama, enfiou as chinelas nos pés (sacudindo-as antes, não fosse alguma aranha ter-se enfiado dentro de uma delas) e por fim levantou-se.

Caminhou devagar até à porta do quarto que se encontrava entreaberta e espreitou pela fissura. Ninguém.

Tocou na maçaneta fria com a mesma afectação de uma actriz num filme de terror, mas ainda a não tinha puxado, quando estacou de imediato, ao sentir um novo arrepio.

«Brrrr! Eu bem digo!», murmurou. «Isto não é normal!»

– O melhor é vestires o roupão – sugeriu a irmã, entre bocejos, ao ouvi-la estremecer. – Acho que os pais desligaram o aquecimento antes de saírem para o jantar na embaixada.

Maria seguiu o conselho da irmã, contrariada.

«Pf! Como se estes fossem arrepios de frio!», pensou, ao apertar o cinto do roupão novo.

No Cairo nunca precisara duma indumentária daquelas. Nem dos pijamas de flanela que agora se via obrigada a usar de noite. E não fazia diferença nenhuma se o aquecimento estava ligado ou não. Os arrepios continuavam.

Abriu a porta do quarto e saiu. Deslizou pelo corredor do apartamento e dirigiu-se à sala, onde dormia o primo que acabara de chegar de Portugal nessa tarde.

André tinha a mesma idade de Maria e aproveitara a semana de férias das primas para as visitar em Londres, no final de Outubro, durante o *half term* da *Southbank International School*

Pag. O Seg. de Craven Street 20/10/06 09:54 Página 16

que as duas tinham começado a frequentar em *Westminster*. A ideia tinha sido dos embaixadores, a quem a experiência ensinara o quão benéfica se revelava a presença do sobrinho em circunstâncias análogas. Já anos antes, aquando da transferência de Paris para o Cairo, o rapaz ajudara a distrair as duas irmãs da antipática tarefa de mudar de casa, de escola, de amigos, de país e de hábitos em geral. Tudo isto ao mesmo tempo e, ainda por cima, de um dia para o outro.

Os embaixadores esperavam que os três primos se concentrassem a desvendar algum caso misterioso e desviassem a sua atenção das contrariedades inerentes ao novo destacamento diplomático. Os Torres sabiam que, mais tarde ou mais cedo, as duas irmãs se integrariam em Londres. A curiosidade sempre produzira nas duas o admirável efeito de as entreter.

Em boa verdade, Maria não devia queixar-se tanto. Afinal de contas até tinha sido ela a insistir que se escolhesse aquele apartamento na lista que a agência propusera ao pai. Mas também só o fizera por uma questão de instinto – obviamente errado, como agora se via obrigada a admitir – que lhe sugerira ser aquela rua, a *Craven Street*, uma fonte de grandes inspirações. A culpa fora toda da agência, claro, que mencionara o facto de uma série de pessoas famosas ligadas ao teatro – mester que a rapariga tanto admirava – terem por ali passado. Entre estas encontrava-se o americano Herman Melville, autor do famosíssimo *Moby-Dick* que, em 1849, vivera do outro lado da rua, exactamente no número 25, como indicava a placa azul pendurada na parede exterior do edifício.

«Na altura pareceu-me boa ideia», pensou para com os seus botões. «E tudo por causa de uma citação de Melville referida por alguém e que me ficou na cabeça: *a ignorância é mãe do medo*.»

Ao repetir a máxima, sentiu outro arrepio. A frase adaptava-se tão bem àquela situação… Não havia dúvida, as pessoas receavam sempre aquilo que desconheciam. E naquela casa havia algo que lhe parecia estranhamente invulgar.

Pag. O Seg. de Craven Street 20/10/06 09:54 Página 17

Precisava de falar com alguém que estivesse disponível para a ouvir. E se a irmã não conseguia manter os olhos abertos, só havia mais uma pessoa com quem tentar a sorte.

– André?… – sussurrou, batendo devagarinho à porta da sala. – André?

Nada.

«Deve estar a dormir… Oh, que aborrecido!», pensou.

– André! – voltou a arriscar, insistente.

Quis então abrir a porta para ter a certeza de que o primo dormia, antes de regressar ao seu quarto.

O compartimento encontrava-se um pouco iluminado, pois André deixara as cortinas ligeiramente abertas. Os olhos de Maria, agora habituados à escuridão, permitiram-lhe reconhecer o vulto imóvel do primo desenhado sob o edredão, no sofá-cama aberto a meio da sala.

Ainda assim, não ficou satisfeita.

«Talvez não esteja mesmo a dormir», pensou, confiante, e abriu um pouco mais a porta. «O melhor é ver se tem os olhos fechados».

Maria era uma rapariga decidida (embora as suas decisões fossem muitas vezes afectadas pelo receio de se cruzar com aranhas), e isto acabava por se traduzir frequentemente em manifesta teimosia. Quando metia uma coisa na cabeça, não descansava enquanto não a obtinha.

Era óbvio que já tinha decidido não desistir sem antes falar com André. O seu subconsciente até já procurava formas de acordar o primo «sem querer», tropeçando no tapete da sala, ou esbarrando casualmente na mesinha do telefone.

Ultrapassou a ombreira da porta, aproximou-se e inclinou-se sobre ele. Apercebeu-se de que estava deitado de barriga para cima, respirando lentamente, mas teve a estranha impressão de que a observava no escuro. Precisava de ter a certeza. Que piada excelente utilizaria no dia seguinte se descobrisse que ele dormia de olhos abertos! Quis passar-lhe a mão sobre a face, desenhando um meio círculo no ar, mas…

Pag. O Seg. de Craven Street 20/10/06 09:54 Página 18

– *Curiosity killed the cat*![1] – gritou André, agarrando-lhe no braço e saltando debaixo do edredão, às gargalhadas.

Maria estremeceu, assustada, atirando-se para trás e tapando a boca com as mãos. Acabou até por tropeçar no tapete e ir esbarrar contra a tal mesinha do telefone, deitando o candeeiro ao chão.

– André!… Que idiota! – protestou, enquanto os batimentos cardíacos voltavam ao normal.

– Ah! Ah! Ah! Não estavas à espera desta, pois não? – perguntou ele, entre risadas. – Ouvi-te a caminhar no corredor e não resisti a pregar-te uma partida.

– Não tens graça nenhuma! Que grande susto! E eu já ando tão assustada!…

– Ora! Também não foi um susto assim tão grande… E andas assustada porquê?

Maria sentou-se no bordo do sofá-cama, pousou as mãos nos joelhos, respirou fundo, deixou passar alguns segundos para aplicar mais ênfase e gravidade ao momento e então disse:

– Desde que viemos para este apartamento tenho tido umas sensações esquisitas. Como se alguma coisa não batesse certo.

– Alguma coisa? Mas que coisa? – perguntou o primo, curioso.

– Não sei bem… De vez em quando tenho arrepios…

– Uhmm… – murmurou ele, bocejando. – Já experimentaste usar casacos? Normalmente funcionam…

A história dos arrepios não estava a surtir efeito. Se Maria não dissesse qualquer coisa de extraordinário nos próximos trinta segundos, perderia a atenção do primo e seria recambiada para a cama. Podia dizer adeus às confissões fora de horas. Suspirou, olhou em seu redor, lembrou-se de algo importante e voltou à carga.

– Este apartamento é estranho… Olha para os quadros, por exemplo! A maior parte deles estão sempre tortos!

[1] Ditado inglês que significa «a curiosidade matou o gato». (*N. da A.*)

Pag. O Seg. de Craven Street 20/10/06 09:54 Página 19

André acendeu o candeeiro que entretanto apanhara do chão e observou as paredes com curiosidade.

– Iiiih! Tantos quadros!

– E não é só na sala – garantiu a prima, apontando para o corredor, satisfeita ao vislumbrar a primeira centelha de interesse. – É em todo o lado. Até na cozinha! E estão sempre tortos! Já viste? Há dez quadros nesta sala e quatro estão tortos.

– Uhmm… É verdade. Porque é que não os endireitam? – perguntou ele, sem se esforçar por esconder o tom condescendente.

– Ora! – disse ela. – Sempre que vejo um quadro torto, endireito-o, mas no dia seguinte está na mesma.

– Ouve lá, tem de haver uma explicação lógica para isto.

– Sim? E qual é?

– Se calhar vocês têm uma empregada muito gorda que não consegue andar sem esbarrar nas paredes!…

– Hã, hãããã… Excelente teoria – comentou a prima, irónica. – Como é que não me lembrei disso antes?

– Ah! Sei lá, Maria… Não me vais dizer que o apartamento está assombrado, pois não? E que o fantasma se diverte a entortar os quadros?

– Não, nem acredito em fantasmas. Deve haver outra explicação.

André deixou-se ficar a olhar para ela, à espera de palpites, mas era óbvio que Maria não tinha nenhum para lhe oferecer. O assunto tinha-se esgotado e era necessário arranjar outro.

– Então e tu? O que é que estás a fazer, acordado, às duas da manhã? – apressou-se ela a inquirir.

– Não consigo dormir. O alarme do prédio aqui em frente está a tocar há duas horas e ninguém o vai desligar.

– Alarme? – perguntou Maria, surpreendida, espreitando pela janela. – Ah, sim, tens razão. Nem tinha reparado. Porque será?

– Não sei. O que sei é que não me deixa dormir. Como é que os vizinhos ainda não se queixaram?

Pag. O Seg. de Craven Street 20/10/06 09:54 Página 20

– Esse é outro problema desta casa. Quase não temos vizinhos!

– E achas que isso é um problema? Há pessoas que dariam *tudo* para não ter vizinhos – replicou André – só por causa dos cães a ladrar, das obras que nunca mais acabam, do canário da vizinha de cima que suja a roupa pendurada a secar, enfim!… Vocês têm é uma sorte enorme, aqui mesmo ao lado de *Trafalgar Square*!…

– Pois… somos nós, o senhor Nelson[1] e os pombos!

– Mas tens a certeza de que não vive aqui mais ninguém?

– Há algumas pessoas noutros prédios, mas muito poucas. De noite nunca se vêem luzes acesas nas casas. Há muitos escritórios de advogados e aqui em frente, por exemplo, está o Colégio de Optometristas.

– Optometristas?

– Sim, são os especialistas que examinam os olhos. É dali que vem o alarme.

– Ai, sim? Então o que nós precisávamos era de um colégio de pessoas que lidassem com os ouvidos. Parece que são todos surdos, por aqui! Além disso, para que é que um colégio de optometristas precisa de um alarme?…

– Parece que na cave têm um museu de objectos antiquíssimos, relacionados com o evoluir da profissão. Coisas incríveis, como aparelhos esquisitos, monóculos e até olhos de vidro! E têm também uma série de quadros com pinturas e retratos muito valiosos.

– Uhmm… – murmurou André, espreitando pela janela e tentando vislumbrar as preciosidades descritas pela prima no edifício da frente. – E no vosso prédio? Não há mais ninguém?

[1] Almirante britânico que se tornou conhecido como um dos heróis nacionais durante as guerras contra Napoleão Bonaparte. Perdeu a vida em 1805, na Batalha de Trafalgar, em que os ingleses venceram a França e a Espanha. A *Nelson's Column*, em *Trafalgar Square* foi erguida em sua homenagem, em 1843. (*N. da A.*)

Pag. O Seg. de Craven Street 20/10/06 09:54 Página 21

– Bem… – disse ela, pensativa, preparando-se para contar uma história.

Além de gostar de teatro, Maria adorava escrever. Trazia sempre consigo um bloco de notas que usava para anotar todas as peripécias e aventuras do grupo e no qual já tinham dado entrada as recentes e estranhas ocorrências de *Craven Street*.

Pigarreou e prosseguiu com a narração:

– Num dos primeiros dias aqui em Londres, íamos a sair de casa, quando reparei que me esquecera de qualquer coisa. Para não nos atrasarmos, os meus pais foram buscar o carro com a Ana, enquanto eu voltei atrás. Despachei-me depressa e acabei por ficar à espera deles no *hall* de entrada do prédio. Levaram tanto tempo a chegar que me pus a ver as cartas que o carteiro ali deixara para os inquilinos.

– Cartas? Que cartas? – perguntou o primo, curioso.

– Sabes que em Londres muitos prédios não têm caixas de correio independentes. As cartas são normalmente deixadas numa mesinha, à entrada, e cada inquilino escolhe as suas.

– Ai é? Que coisa tão estranha.

– Estranho foi ver ali tanta correspondência e nunca encontrar ninguém no prédio. Foi por isso que me pus a ler os nomes dos destinatários…

«De repente, apareceu uma senhora alta e magra, com um ar muito distinto, muito inglês. Não me apercebi dela até a sentir respirar mesmo por cima dos meus cabelos. Nem te digo o susto que apanhei!»

– Andas muito assustadiça…

– Oh! – respondeu a prima, sem lhe dar importância, rejeitando a ideia com um gesto fugaz. – Também te assustavas se aparecesse alguém por trás de ti com ar de fantasma, sem se anunciar ou fazer o mínimo ruído, e depois te dissesse ao ouvido: *curiosity killed the cat*!

– Ah! Vejo que começa a ser uma frase habitual, para ti! – riu André.

Pag. O Seg. de Craven Street 20/10/06 09:54 Página 22

Maria ignorou-o, entretida com as suas próprias ideias.

– Eu fiquei sem saber o que dizer. Ainda tentei responder-lhe com a segunda parte do ditado, mas não consegui lembrar-me dela. A propósito… Tenho a certeza de que existe uma segunda parte, mas como é?

André não conhecia nenhuma segunda parte para aquele ditado. Já tinha sido uma sorte acertar na primeira parte, ele que se tornara famoso por se enganar em todos os ditos e máximas que proferia. Mas a culpa era toda da prima Maria, que se divertia a escrever disparates daquele e doutro género no seu irritante livrinho de notas. Toda a gente lhe achava graça, menos ele.

– Bem, não interessa! – prosseguiu ela. – Era óbvio que eu estava a coscuvilhar, mas não ia admiti-lo, não é?

André acenou, concordante e sobretudo aliviado por ver afastada a obrigação de evocar um ditado que desconhecia.

– Então lembrei-me de inventar que estava à espera de uma carta… tua!

– E ela?

– Riu-se, fingiu que não tinha percebido a minha desculpa e perguntou-me se eu era uma rapariga curiosa.

– A sério? E o que é que lhe respondeste?

– Disse-lhe que sim, que a curiosidade é um passatempo excelente e que pode ter matado o gato, mas que também deve ter salvado muita gente de morrer de tédio.

– Boa! Onde é que ouviste isso? – perguntou o rapaz.

Com alguma sorte, talvez a mais recente cisma da prima fosse manter um registo de citações, substituindo a secção dos *Disparates do André* no bloco de notas.

– Em lado nenhum. Veio-me à cabeça na altura – respondeu Maria, sem modéstia. – Ela, pelos vistos, também gostou, porque se fartou de rir. Disse que além de curiosa, eu devia ser muito perspicaz. Depois saiu.

André notou-lhe o curvar da sobrancelha, interessado.

Pag. O Seg. de Craven Street 20/10/06 09:54 Página 23

– O meu pai diz que todos os apartamentos neste prédio são dela. Acho que pertence a uma família inglesa muito rica.

– E para além dela não viste mais ninguém, por aqui?

– Não vi, nem ouvi. Mas sei que há mais gente, por causa das cartas… – explicou Maria, ciente de estar a alimentar a curiosidade do primo.

– Quem? – quis saber André, empolgado. – Alguém que tenha recebido uma carta secreta?…

– Todas as cartas são secretas até serem abertas… – disse ela num tom enigmático, apreciando esta nova inclinação para inventar aforismos. – Mas não estavas à espera que me pusesse a abrir a correspondência dos outros, pois não?

André tossicou, disse qualquer coisa como «Claro que não» e recordou, envergonhado, o último dia de S. Valentim.

A sua professora de Português tinha decidido promover, na escola, a iniciativa de cada aluno escrever uma carta anónima de uma página inteira à pessoa de quem gostava, no dia dos namorados. As cartas seriam colocadas num cacifo na biblioteca e depois entregues aos destinatários. A ideia era fomentar a escrita e proporcionar aos alunos a nostálgica experiência de escrever uma carta a sério, em vez dos *e-mails* curtos e mal redigidos que a miudagem preferia.

Na altura, roído de ciúmes e de curiosidade, André não resistira a abrir uma carta dirigida a Joana, a rapariga da sua turma que desde o início do ano o tivera pelo beicinho. A missiva fora, como depressa ficou a saber, enviada por um rapaz do ano a seguir ao seu.

A descoberta foi uma decepção, embora lhe aliviasse, em parte, o sentimento de culpa. No fim, para castigo, nem sequer teve sorte com Joana. Era como se a sua história tivesse compartilhado o fim do gato, no tal ditado inglês.

Maria, alheia a semelhantes divagações e tomando o silêncio do primo como sinal de atenção absoluta, continuou:

Pag. O Seg. de Craven Street 20/10/06 09:54 Página 24

– No apartamento 2 vive o Mr. Fields, no 4 mora um tal Mr. Wang, no 8 os Lair, no 9 vive o Mr. Drake e no 10 vive a Miss Price.

– Conseguiste decorar isso tudo só a olhar para a correspondência?! – perguntou André, estupefacto.

– Não – confessou Maria. – Anotei tudo no meu bloco de notas.

André suspirou. Enfim, não havia nada a fazer. Ninguém conseguiria tirar-lhe aquela mania. A prima nunca se separaria daquele livrinho idiota.

– E a senhoria, em que apartamento vive?

– Boa pergunta. Isso é que eu não consegui descobrir. Não havia nenhuma carta para ela…

– Como é que se chama?

– Chama-se Hunt. Disse-mo o meu pai.

– Será que vive sozinha?

– Acho que sim, parece que é viúva. É uma pessoa estranha… Dizem que esconde uma história muito triste no seu passado.

– *Dizem*? – perguntou André, desconfiado.

Seria apenas mais um dos exageros da prima? Não havia dúvida de que estava apostada em incluir pormenores misteriosos no seu relato.

– Bem… Ouvi o meu pai falar nisso à minha mãe, noutro dia. Parece que a história é uma espécie de tabu, ninguém fala nela a Mrs. Hunt e ela também nunca se refere a este aspecto do seu passado à frente de outras pessoas.

– O que será? – perguntou André, começando a interessar-se cada vez mais. – Terá cometido algum crime? Terá perdido alguém importante na sua vida? Será órfã? Terá estado doente, com uma doença terrível, da qual escapou por mera sorte?…

Maria encolheu os ombros, admirada com a imaginação do primo.

– Ou… será filha de extraterrestres?

Pag. O Seg. de Craven Street 20/10/06 09:54 Página 25

– Agora já estás a exagerar um bocadito – interrompeu-o ela. – Filho de extraterrestres só mesmo tu[1]…

– Bom, de qualquer forma, se vocês vivem no apartamento 12, falta saber quem vive nos apartamentos 1, 3, 5, 6, 7, 11, 13, 14 e 15.

– O 11 fica mesmo aqui ao lado e não vive lá ninguém. Tenho a certeza porque reparei numa teia de aranha fora da porta que já ali está desde que para cá viemos.

– Uhmm… – murmurou André, a quem a fobia da prima divertia muito.

– E não me espantaria nada se também não houvesse ninguém nos outros apartamentos. Quem sabe?

– Podemos sempre usar o velho truque de tocar às campainhas e fugir! – propôs André, entusiasmado. – Depois basta esperar para ver quem acende a luz…

Entreolharam-se, contemplando a ideia, mas quando se lembraram que teriam de despir os pijamas confortáveis e sair para a rua àquela hora, com o frio que estava, descartaram o estratagema de imediato.

– Uhmm… Naaa! – disse André, bocejando. – *Bad idea.*

Eram já duas e meia. As pálpebras começavam a pesar-lhes. Estava na hora de abandonarem as conversas nocturnas de intriga e mistério e voltarem para a cama.

André enfiou-se debaixo do edredão e, sem mais demoras, despediu-se:

– Bem, falamos amanhã, está bem? Boa noite!

– Sim – anuiu a prima, deixando escapar um bocejo. – Boa noite.

Apagou o candeeiro da mesinha do telefone antes de sair e encostou a porta.

[1] Ver *O Segredo do Mapa Egípcio*, no qual André inventa uma história incrível sobre o seu passado e convence Raul, o filho do cônsul, de que é filho de extraterrestres. (*N. da A.*)

Pag. O Seg. de Craven Street 20/10/06 09:54 Página 26

Estava ainda no corredor que dividia o apartamento quando se ouviu um estrondo tremendo, como se alguém tivesse acabado de partir o vidro de uma janela.

Assumindo a sua natureza assustadiça, Maria lançou um dos seus típicos gritinhos e regressou à sala, apavorada, fechando a porta atrás de si.

– O que foi aquilo? – perguntou o primo, que entretanto se levantara.

– Eu sei lá! Não veio do corredor?

– Do corredor vieste tu!

– Acho que alguém acabou de entrar em nossa casa! Partiram o vidro da janela!

– Da janela? Qual janela? Não é possível! Estamos no terceiro andar!

Ficaram de ouvido à escuta, em silêncio, mortificados e sem saber o que fazer.

Não se discerniam ruídos vindos do corredor ou do resto da casa. Não se ouviam passos, vozes, nada.

– Ana! – sussurrou Maria, encostando o ouvido à parede da sala, paredes meias com o seu quarto.

Ter-se-ia a irmã levantado, ou ouvido o barulho do vidro a partir?

Nada. Silêncio absoluto.

Passaram-se longos minutos sem o mínimo sinal de movimento ou presença de estranhos em casa.

– Tens a certeza de que era uma janela? – começou a duvidar André.

Maria encolheu os ombros.

Esperaram mais um pouco até que o jovem, desconfiado, resolveu investigar. Olhou à sua volta, à procura de algo que pudesse utilizar para se defender, mas não encontrou nada com aspecto suficientemente belicoso.

Maria apercebeu-se das suas buscas e decidiu ajudá-lo. Viu um par de pauzinhos chineses esquecido na prateleira de uma estante e entregou-lhos.

Pag. O Seg. de Craven Street 20/10/06 09:54 Página 27

– Toma – disse, encolhendo novamente os ombros.

– Boa! Hei-de ir muito longe com isso!– riu ele.

Não obstante, e por falta de alternativa, pegou nos pauzinhos, empunhou-os da forma mais aguerrida possível e avançou.

Abriu a porta da sala sem fazer barulho, espreitou pela abertura e saiu para o corredor. Procurou o interruptor e por fim acendeu a luz, já mais descansado.

– Vês? Não está aqui ninguém! – disse, voltando-se para Maria, que o seguia amedrontada.

– Então… e que barulho foi aquele?

– Era disto! – exclamou André, ao ultrapassar a curva do corredor em forma de L. – Foi apenas um quadro que caiu da parede e se partiu.

– Um quadro? Eu não te disse? Há qualquer coisa estranha nesta casa! Deixa ver.

Aproximou-se, ainda duvidosa. Pegou no quadro de pequenas dimensões, retirou os pedaços de vidro que tinham ficado presos na moldura e olhou para a imagem, a meio do *passe-partout*. Era um retrato.

– Nunca tinha reparado neste quadro – disse, analisando a expressão melancólica da jovem retratada, de olhar intenso, eternamente fixo em quem a observasse.

– Bem, *case closed*! Está o enigma resolvido. Vamos mas é para a cama. Até amanhã.

Apesar do cepticismo do primo, Maria estava decidida a interpretar o incidente como um claro e incontornável indício de mistério.

– Muito estranho… Deve haver alguma coisa por trás disto! – disse, com um ar de detective estampado no rosto.

André desatou a rir.

– Não há nenhuma coisa por trás *disto*! – ripostou, divertido, tirando-lhe o quadro das mãos. – É apenas um retrato!

Maria não respondeu, calada a olhar para as costas do quadro que André segurava, imóvel, com a boca ligeiramente aberta em sinal de espanto.

Pag. O Seg. de Craven Street 20/10/06 09:54 Página 28

Pag. O Seg. de Craven Street 20/10/06 09:54 Página 29

Os pregos que fixavam a moldura tinham saído do lugar com a queda, desmanchando o caixilho de suporte e deixando entrever algo que lhe causara uma estranha admiração.

– O que é que foi agora? – voltou a perguntar o rapaz.

Maria ergueu lentamente o braço direito e apontou para o quadro, mantendo a mesma face estupefacta.

– O que… O que é isso?

André só então reparou na ponta de um folheto que deslizara para fora do caixilho, sob a parte anterior do quadro.

– Deve ser o nome da casa que fez a moldura – respondeu ele, sem grande espanto.

Porém, a cor amarelada do papel, a sua textura delicada e antiga e a ponta gasta e consumida identificavam o folheto como pertencendo a um passado longínquo.

Maria puxou por ele com delicadeza, mas este mostrou resistência e ela decidiu não insistir.

– Leva o quadro para a sala enquanto eu apanho os vidros do chão. Mas não mexas em nada até eu chegar!

Maria saía ao pai: era ordenada e metódica e jamais lhe passaria pela cabeça deixar os vidros espalhados no chão, mesmo que isso significasse adiar a revelação do mistério.

Varreu tudo com a vassoura e deitou os vidros partidos no saco do lixo destinado ao vidrão. Antes de regressar à sala, passou pelo quarto para acordar a irmã.

– Ana! Acorda! Vem ver o que encontrámos!

– Oh, não! Tu, outra vez? – refilou Ana, convencida de que tudo não passava de mais um estratagema da irmã para a obrigar a levantar-se. – Que pesadelo!

– E depois dizem que a dorminhoca sou eu – disse Maria, insistente.

– Qualquer pessoa normal é dorminhoca às… três da manhã?!? – exclamou Ana, olhando para o despertador. – Mas afinal o que é que se passa contigo hoje? Bebeste um litro de Coca-Cola, foi?

Pag. O Seg. de Craven Street 20/10/06 09:54 Página 30

– Anda lá! Deixa-te de coisas! Eu e o André acabámos de descobrir uma coisa muito suspeita e precisamos da tua ajuda!

Ana não tinha grande vontade de abandonar os cobertores e os lençóis quentinhos, mas a tal «coisa suspeita» tinha, sem dúvida, conseguido despertar-lhe a atenção.

– Está bem… Está bem!… Mas é bom que seja mesmo uma coisa muuuuuuito suspeita, senão vais ter-me à perna todas as manhãs, bem cedinho, durante os próximos dois meses.

Aquela era uma ameaça séria. Acordar Maria de manhã cedo equivalia a provocar-lhe um humor execrável para o resto do dia.

O despertador era o melhor exemplo disso. As múltiplas colagens de fita-cola demonstravam que estava partido em vários sítios, depois de cair no chão como resultado dos maus humores matinais da rapariga. Salvava-se apenas quando o programavam e depois o escondiam, obrigando-a a levantar-se para o procurar. Maria achava muito pouca graça àquela brincadeira.

– Nem acredito que não tenhas ouvido aquele estrondo! – disse ela, mudando de assunto e vendo que Ana voltava a deitar a cabeça na almofada. – Até pensei que fosse um assaltante que tivesse partido uma janela!

Ana não estava a perceber nada do que a irmã lhe dizia. Que estrondo? Que assaltante? Que janela? Ooohh! Mas porque é que não a deixavam dormir?

Contra vontade, levantou-se.

André esperava-as na sala, sentado numa cadeira, a observar o quadro partido sobre a mesa de jantar.

Apesar das advertências da prima, já tinha experimentado libertar o folheto misterioso. Ao verificar que o não conseguiria extrair sem antes retirar o resto dos pregos, resolvera aguardar, não fosse Maria zangar-se.

– Não têm um alicate? – perguntou, ansioso. – É a única forma de conseguirmos tirar o folheto sem o rasgar.

Pag. O Seg. de Craven Street 20/10/06 09:54 Página 31

Enquanto Maria foi à cozinha procurar um alicate, André explicou a Ana, ainda ensonada, o que se passara momentos antes.

– Acordaste-me sem sequer saberes se valia a pena? – respingou ela, retraindo um bocejo, ao ver a irmã regressar. – O mais provável é que se trate de um simples folheto de publicidade da loja onde foi comprado o quadro.

– Foi o que eu lhe disse… – desculpou-se André.

– Não. Tenho a certeza de que é algo importante. Sinto-o! – objectou Maria.

– Sentes? Boa! Agora deste em adivinha, foi?

Maria não respondeu, entretida a puxar os pregos que restavam, um a um, até libertar a placa e o folheto que se escondia atrás do caixilho.

– É um antigo folheto de teatro… – observou Ana.

– … de uma peça de Agatha Christie! – exclamou Maria, fã incondicional da velha escritora inglesa.

– … de 1943! – completou André, perplexo.

Estava escrito em inglês, num papel amarelado e envelhecido. As letras eram típicas dos antigos opúsculos de teatro, redondas, negras e cheias.

ST. JAMES THEATRE
King Street W.C.2
WINTER MISTERY
TEN LITTLE NIGGERS
Adapted by
AGATHA CHRISTIE
Opens 17th of November 1943

Os primos olharam uns para os outros, estupefactos, à volta da mesa. Até que Maria quebrou o silêncio:

Pag. O Seg. de Craven Street 20/10/06 09:54 Página 32

– Incrível!… Um folheto de uma peça de Agatha Christie com mais de sessenta anos! Eu não vos dizia que era qualquer coisa importante? Aposto que até deve valer imenso dinheiro!

– Uhmm… A sério? – perguntou André, olhando interessado para a suposta relíquia.

– Sobre o que seria a peça? O título em inglês não me diz nada, mas podemos ver de que se trata, na Internet! – propôs ela.

Nenhum dos outros dois lhe fez notar que já passava das três da manhã, horário impróprio para se ligar o computador. Mas visto que os embaixadores continuavam entretidos no seu jantar e que os jovens há muito haviam perdido o sono, meia hora a mais, ou a menos, não faria diferença.

Assim que abriram a página do motor de busca, Maria escreveu o título da peça no rectângulo de pesquisa.

Os primeiros resultados apareceram de imediato, com informações deveras interessantes.

– Aqui está! A peça estreou-se em Londres, no *St. James Theatre*, exactamente no dia 17 de Novembro de 1943… o que torna este folheto ainda mais valioso! – exclamou, agitada. – Mas não é tudo… Ouçam isto: parece que o livro no qual se baseou a peça foi publicado em Londres, em 1939. Mas o título, *Ten Little Niggers*, ou *Os Dez Negrinhos*, era demasiado polémico, por isso, quando foi publicado nos Estados Unidos, no ano seguinte, passou a chamar-se *Ten Little Indians*, ou *Os Dez Indiozinhos*. Só mais tarde se transformou no título actual, *And Then There Were None*, que significa literalmente *No Fim Não Sobrou Nenhum*, e os dez indiozinhos passaram a ser dez soldadinhos, ou *Ten Little Soldiers*.

– Mas afinal a história é sobre o quê?

– É sobre dez pessoas que aparentemente não têm nada a ver umas com as outras, mas que recebem um convite para comparecer numa casa, situada numa ilha no Sul de Inglaterra. O anfitrião, porém, não aparece. Na primeira noite, durante o jantar, ouvem a voz de um indivíduo gravada num gramofone,

Pag. O Seg. de Craven Street 20/10/06 09:54 Página 33

acusando cada um deles de ter cometido um crime no passado e de ter ficado impune. Assustados, decidem então abandonar a ilha, mas uma tempestade impede-os de o fazer. O medo começa a contagiar todos os elementos do grupo, até que cada um deles acaba por morrer, seguindo as descrições de morte anunciadas numa velha canção cómica americana do século XIX, chamada precisamente *Ten Little Soldiers*.

– Que macabro – comentou Ana. – Então no fim morrem todos? Não sobra mesmo nenhum?

– No livro, não. Mas aqui diz que na adaptação ao teatro, feita pela própria Agatha Christie, o final da história é alterado e sobram duas pessoas. As adaptações ao cinema mantiveram esta alteração. Em português, o livro chama-se *Convite para a Morte*, ou *As Dez Figuras Negras*.

– Convite para a morte? Parece-me que já ouvi falar nisso. Não saiu há pouco tempo um jogo de computador com esse título? – perguntou André.

– Não sei… Parece que é o único caso de Agatha Christie em que não existe um detective como Poirot, ou Miss Marple. Há quem diga que é o seu melhor livro.

De repente, Ana lembrou-se de um pormenor e afastou-se do computador. Pegou no quadro e observou-o com curiosidade. Uma incógnita começava a formar-se na sua mente e era necessário encontrar uma solução adequada. Porque teria alguém escondido um simples folheto de teatro ali dentro?

– Vocês nem vão acreditar nisto! – exclamou Maria, que entretanto abrira uma nova página na Internet. – Adivinhem quanto pode custar uma primeira edição do livro *As Dez Figuras Negras* num antiquário?

– Sei lá! Cem euros? – experimentou André.

– Não…

– Duzentos?!

– Não…

– Não?! Então, quanto?

Pag. O Seg. de Craven Street 20/10/06 09:54 Página 34

– Este *site* de livros antigos vende-o a cerca de doze mil libras, ou seja, quase dezassete mil euros!

– O quê??? – perguntou André, boquiaberto, pegando no folheto como se fosse de algodão.

Ana, do outro lado da sala, continuava absorta, analisando o quadro e, para espanto do rapaz, não reagiu ao comentário da irmã.

– Então? – perguntou ele, exaltado, aproximando-se e dando-lhe uma cotovelada. – Não dizes nada? Já viste? Dezassete mil euros por um livro! Quanto é que achas que darão por este folheto? Hã?

Como a primeira cotovelada não provocara os efeitos desejados e Ana se mantinha em silêncio, André repetiu a dose com um gesto ainda mais arrojado. A rapariga foi apanhada desprevenida e o resultado foi o quadro cair ao chão pela segunda vez naquela noite.

– Cuidado! – exclamou Maria, vendo que o caixilho se desconjuntara por completo. – Se dermos cabo do quadro, a senhoria nunca acreditará que ele caiu da parede sozinho. Vai pensar que fomos nós que o partimos!

O quadro estava agora dividido em várias partes: caixilho, pregos, pedaços de vidro, placa posterior, retrato, *passe-partout* e…

– Vejam… – disse Ana, apanhando algo do chão. – Parece que o folheto não foi a única coisa que esconderam atrás deste quadro…